

Indexação informal cresce no país, dizem especialistas

Segundo economistas, persistência da inflação de serviços é sinal de correção de preços com índices passados

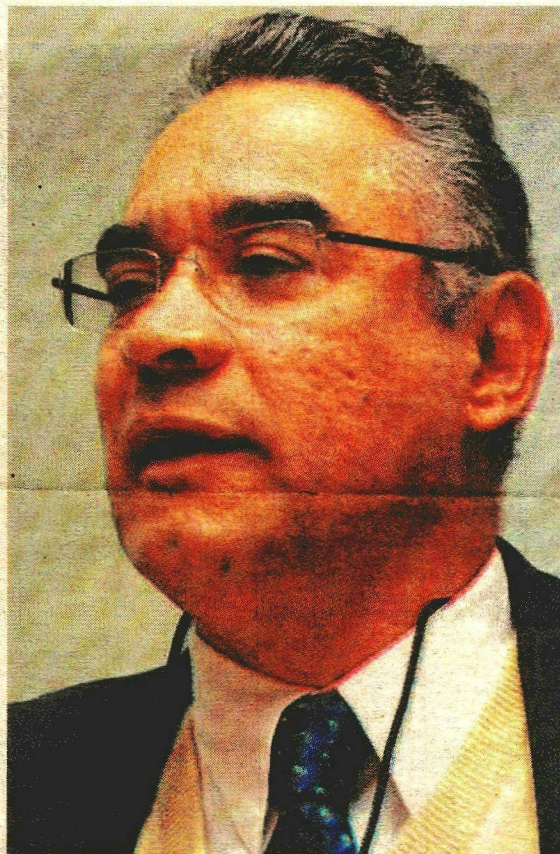
Sonia Filgueiras

sonia.filgueiras@brasileconomico.com.br
Brasil

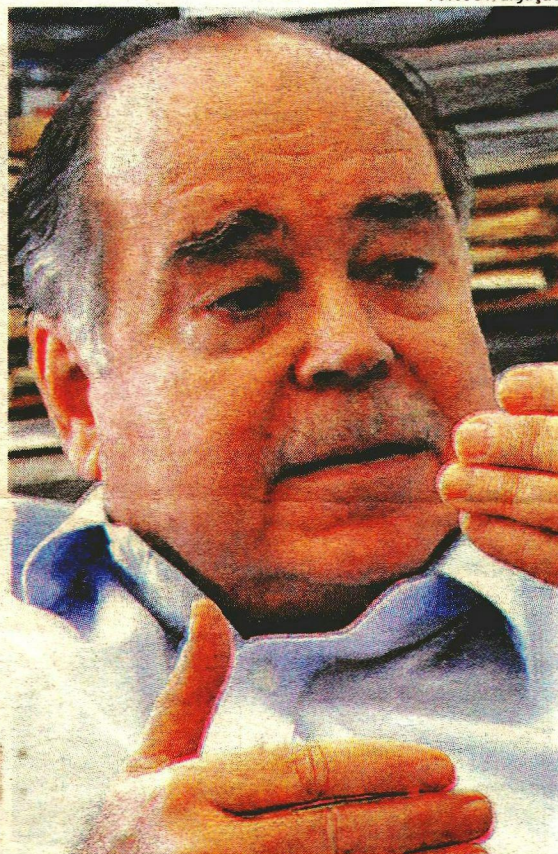
Especialistas avaliam que o grau de indexação informal na economia na área de serviços aumentou nos últimos anos. Ou seja, muitos preços vêm sendo corrigidos mirando a incorporação da inflação passada, medida por diversos índices. O economista e professor da PUC-RJ, Luiz Roberto Cunha afirma que, embora de um lado tenham corrido ganhos na redução da indexação nos contratos formais, corrigidos anualmente (a chamada indexação formal), de outro, a indexação informal aumentou. Trata-se da situação em que um cabeleireiro usa o IGPM que corrige o seu próprio aluguel como referência para corrigir seus serviços ou um pintor utiliza o salário mínimo como referência para cobrar a sua diária.

“A inflação de serviços tem estado persistentemente acima da média da inflação nos últimos meses. Só agora começou a ceder”, diz Luiz Roberto Cunha, que tem uma longa experiência no estudo do comportamento dos preços — foi da equipe economista e ex-ministro da Fazenda Mario Henrique Simonsen. Ele estima que, de maneira geral, hoje, 50% dos preços medidos pelos principais índices gerais de preços contém algum componente de indexação, em maior ou menor grau.

O professor de econometria da FEA-USP, José Tiacci Kirsten, em estudo realizado em 2013, do Índice de Custo de Vida da Classe Média (ICVM), divulgado pela Ordem dos Economistas do Brasil, apontou que bens e serviços indexados representavam 36,1% do peso no índice geral. “Avalio que este percentual se ampliou, porque a indexação tende a se elevar quando a inflação sobe”, explica o professor. “As pessoas tendem a se proteger”, acrescenta. Em seu relatório de inflação de setembro, o Banco Central aponta preocupação com o risco de indexação dos salários. Além da potencial pressão sobre custos, a correção dos salários representa um risco derivado “da possibilidade de as negociações salariais atribuírem peso excessivo à inflação passada, em detrimento da inflação futura”, aponta a autoridade monetária, sem citar a palavra “indexação”.



Heron do Carmo: avanços nos últimos anos



Luiz Roberto Cunha: inflação de serviços persiste

Fotos Divulgação

ALGUNS PREÇOS INDEXADOS DIRETA OU INDIRETAMENTE NA ECONOMIA BRASILEIRA

- **Condomínio** — frequentemente corrigido pelo IGPM.
- **Serviços domésticos em geral** — Salário Mínimo.
- **Aluguel** — IPC-Fipe ou IGPM.
- **Viagens e excursões ao exterior** — dólar.
- **Cabeleireiro** — Salário mínimo.
- **Salário mínimo** — Variação do INPC mais o crescimento do PIB (Produto Interno Bruto) de dois anos antes.
- **Planos de Saúde** — índices anuais indicados pela Agência de Saúde Suplementar.
- **Ensino Escolar** — indexador da própria categoria.

Fonte: professor José Tiacci Kirsten

“

Quando conseguirmos chegar a uma inflação na casa dos 3% ao ano, os incisivos à indexação serão bem menores. Será possível, então, estender o prazo mínimo de correção de contratos para três anos”

Heron do Carmo
Professor da FEA-USP

A persistente indexação da economia é um dos motivos que leva o Brasil a ter juros mais elevados. “Se o preço do tomate sobe, o Banco Central tem que fazer um esforço redobrado para reduzir o impacto deste aumento sobre os índices gerais de preços, que por sua vez impactarão contratos”, diz Heron do Carmo, também da FEA-USP. Carmo prefere analisar apenas os mecanismos formais de indexação, e, nesse caso, ele confirma que houve uma benéfica redução no grau de indexação: o peso da indexação formal caiu de algo entre 20% e 25% nos índices gerais de preço há um ou dois anos para abaixo de 20%. “Houve um avanço no caso dos contratos de energia elétrica e de telefonia, que agora estão sendo corrigidos com base em custos específicos do setor”, diz.

A indexação elevada também ajuda a explicar, junto com outros fatores que causam incertezas sobre os preços futuros, porque, mesmo com os juros altos e a economia em baixo crescimento, a inflação não está caindo como o esperado. “Se a expectativa é de elevação dos preços à frente, há uma tendência da sociedade de se defender repondo as perdas passa-

“

Avalio que esse percentual (de indexação da inflação) se ampliou, porque a indexação tende a se elevar quando a inflação sobe. As pessoas tendem a se proteger”

José Tiacci Kirsten
Professor da FEA-USP

das”, explica Kirsten. No último boletim Focus (pesquisa das expectativas do mercado realizada semanalmente pelo BC), com exceção do IPCA, as projeções para todos os demais índices captados pela pesquisa apontam elevação de 2014 para 2015.

“Em nossa economia indexada, a inflação é rígida para baixo e flexível para cima”, lembra Heron do Carmo. É uma situação que, segundo o economista, gera grande desconforto, porque os mecanismos de indexação ajudam a elevar o ponto de partida da taxa de inflação. Além disso, segundo os textos oficiais do Banco Central, mecanismos automáticos de reajuste “contribuem para prolongar, no tempo, pressões inflacionárias observadas no passado”.

Para Carmo, o combate à indexação passa menos pelos juros e mais por reformas estruturais que gerem mais eficiência. “Quando conseguirmos chegar a uma inflação na casa dos 3% ao ano, os incisivos à indexação serão bem menores. Será possível, então, estender o prazo mínimo de correção de contratos para digamos, três anos”, diz. “Contratos com prazo de um ou dois anos poderão ser negociados com preços fixos.”